O USO DA CASCA DE MANDIOCA NA ALIMENTAÇÃO DE RUMINANTES

Isadora Gabriele da Silva Matos[1]; Caroline Emanuelle do Amaral Santa Rosa de Oliveira [2]; Aluízio Raimundo Bastos de Oliveira Junior [3]; Juliana Schuch Pitirini[4]; Thiago Carvalho da Silva[5].

1. Pós-Graduanda em Saúde e Produção Animal na Amazônia, bolsista FAPESPA, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém/ISPA, e-mail:isadoramatos807@gmail.com; 2. Caroline Emanuelle do Amaral Santa Rosa de Oliveira; 3. Aluízio Raimundo Bastos de Oliveira Junior; 4. Juliana Schurch Pitirini; 5. Thiago Carvalho da Silva, ISPA/BELÉM, Universidade Federal Rural da Amazônia, e-mail: Thiago.silva@ufra.edu.br

RESUMO: A mandioca é uma cultura amplamente produzida devido ao uso de suas raízes na alimentação humana. Sua produção destaca-se em países tropicais, dentre eles o Brasil, sendo a região Norte a maior produtora, com ênfase para o estado do Pará que produziu cerca de 3.769.677 toneladas em 2023. Durante o processamento das raízes para fabricação de farinha e fécula, ocorre a geração de coprodutos, como a casca, que, com base em estudos, pode ser aproveitada para alimentação animal. Dessa forma, objetivou-se realizar uma revisão de literatura para explorar o uso da casca de mandioca na alimentação de ruminantes. Para esta revisão, foram selecionados artigos nas bases de dados Scopus e Google Scholar. Foram incluídos apenas artigos que avaliaram composição bromatológica e avaliações do uso de casca de mandioca na dieta de ruminantes. A casca de mandioca é um coproduto da etapa inicial da fabricação da farinha, sendo composta pela casca, entrecasca e pontas da raiz da mandioca. Por se tratar de um coproduto agroindustrial, sua composição bromatológica pode variar conforme processamento e cultivar. No geral, a casca de mandioca apresenta matéria seca por volta de 34%, proteína bruta em 4%, e em torno de 66% de carboidratos não fibrosos. Além disso, este subproduto contém aproximadamente 60% de amido, provenientes de resíduos da raiz durante a etapa de descascamento. Ademais, estudos realizados com adição desse subproduto em dietas para ruminantes, analisaram melhor digestibilidade dos nutrientes em relação ao milho. Com base nessas características, a casca de mandioca é classificada como um alimento energético, sendo uma alternativa potencial para substituição do milho. Entretanto, devido à presença de glicosídeos cianogênicos, que a tornam tóxica para consumo, o seu uso deve ser associado a técnicas de processamento, como ensilagem e desidratação. Esses métodos promovem fácil volatilização do ácido cianídrico liberado pela mandioca, tornando o alimento seguro para consumo. Em relação ao desempenho animal, estudos conduzidos com ovinos, observaram que a inclusão e as formas de processamento da casca de mandioca não influenciam sobre as características de desempenho analisadas. Resultado semelhante foi verificado em relação ao desempenho de novilhas terminadas em confinamento, alimentadas com rações contendo casca de mandioca em substituição ao milho. Portanto, conclui-se que a casca de mandioca é uma alternativa viável e sustentável para a alimentação de ruminantes, especialmente em substituição ao milho, devido ao seu valor energético e ao potencial de reduzir resíduos agroindustriais.

PALAVRAS-CHAVE: fonte energética; subproduto; silagem.